



Cultura!

Exclusivo

Foto: Bruno Veiga

Simplesmente

VERISSIMO!

— EDIÇÃO HISTÓRICA —

Um pouco de

Cada arte...

O AUTÓGRAFO

* O. A. SECATTO
oasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br



Edite era viúva, cinquentona, magra de dar dó. Tinha dois gatos velhos, castrados e gordos — Fúlvio e Dagoberto —. Sempre se recusando a pentear direito os cabelos, vivia da pensão que seu finado marido lhe deixara, sozinha numa quitinete. E era uma colecionadora compulsiva. De qualquer coisa.

Até enviivar, dava-se principalmente com porcelanas pintadas, guardanapos com ponto de cruz ou barrado de crochê, chaveiros, anões de jardim e miniaturas de elefantes. Depois passou aos bichos de pelúcia, revistas de celebridades e fofoca, gatos — vivos — e livros, quaisquer livros. Nunca dera muita bola a autores, mas...

Quando soube que o Verissimo viria à cidade para o lançamento de seu mais recente livro, Edite foi tomada da mais insuportável ansiedade. Conhecia-o do jornal apenas — às vezes topava com sua coluna ao desembulhar alguma compra da quitanda e a acabava lendo —, mas sabia que era famoso. “Colunista do Estadão!”, repetia para si mesma. Resolvida a também colecionar autógrafos, tratou de comprar o livro que seria lançado e se programou.

Chegado o dia, acordou cedo para o lançamento que seria só à tarde: às 17h, numa livraria do shopping da cidade. Quando foram abrir a livraria às 9h30, a Edite já estava por lá. A gerente estranhou.

— Como é que você conseguiu entrar aqui a esta hora?

A Edite desconversou.

— Hã?

Tentou entrar junto com a gerente, que lhe pediu que esperasse até as 10h. Ela não gostou, mas esperou, sentada no banco que ficava em frente à livraria. Às 10h em ponto, correu para dentro.

— Onde vai ser? Onde vai ser? — perguntou ela à gerente, que em minutos já não a suportava mais.

— Vai ser o quê?

— A sessão de autógrafos.

— De quem? — tentou desconversar.

— Do Verissimo, ora.

A gerente preparou sua melhor cara de paisagem. Disse:

— Ainda não sabemos.

— Como assim, não sabem?

— Não sabemos — retrucou ela, com certa satisfação. — Só vamos ver isso depois do almoço. Quer dizer, só depois das 15h, mais ou menos.

— Quer dizer que...?

— Isso mesmo, não vai adiantar esperar.

— Mas eu...

— Você pode voltar à tarde, alguns minutos antes do evento.

— Então, eu...

— Pode ir, fique tranquila. Afinal, você não vai querer perder o dia inteiro só para guardar lugar na fila, vai?

A Edite pensou um pouco. E respondeu, com naturalidade.



— Vou. Ainda bem que sou precavida. Trouxe meu almoço, o suco, o lanchinho para a tarde e... — ela passou a consultar o que mais tinha na bolsa. — Não vou nem precisar ir à praça de alimentação. Não é uma maravilha?

A gerente só deu um sorrisinho.

— Que ótimo — ela disse e, apontando o braço para o interior da livraria, arrematou com o teste prático de seu treinamento. — Fique à vontade.

Assim que deu as costas para a Edite, já fez um sinal com os olhos para as funcionárias ficarem de olho nela.

A Edite ficou por ali, pegou na mão e devolveu quase sem olhar praticamente todos os livros que alcançou sem precisar da escada.

As horas passaram.

Depois do almoço, chegaram dois homens com uma grande mesa de madeira, estilo colonial, pernas curvadas. As funcionárias indicaram o local, bem no meio

da livraria, e fizeram os arremates: uma plaquinha com a foto do Verissimo, o nome em destaque, e, ao lado, o livro em pé, apoiado num suporte de acrílico.

Mal haviam terminado o último detalhe, a Edite plantou-se na frente da mesa. Era só esperar. “Vou ser a primeira”, gostava de lembrar. As pessoas começaram a se enfileirar, livros na mão, ansiosas.

Horas, muitas horas esperando. A fila já estava para fora da livraria. E nada de escritor famoso — “colunista do Estadão!” — aparecer.

Foi só perto das 18h que ele apareceu, caminhando devagar, expressão serena como lhe cunhou a idade. Simpático, foi cumprimentando a todos.

— Boa tarde, boa tarde.

Parou para dizer umas palavras a um amigo que reconheceu, perto da mesa de autógrafos. Depois respondeu a umas perguntas do repórter que recém chegara e o interceptara no caminho à mesa. A Edite impaciente. Quando o Verissimo, enfim, sentou-se, a Edite o recebeu com o livro em mãos e a melhor cara que pôde fazer.

— Ai, nem acredito que vou ser a primeira a ter um autógrafo seu, Lu — ela mesma se fizera íntima dele nas últimas semanas e passara a chamar o Luis Fernando Verissimo de “Lu” —.

— Primeira? — ele estranhou.

— É, nesse livro. O primeiro exemplar a ser autografado!

Ele não se entusiasmou com o fato além de um discreto sorriso. Disse:

— Ah. — E continuou a autografar. — Qual o nome?

— Edite.

Ele escrevia devagar. Ela franziu o cenho, intrigada. Perguntou:

— Como assim, “ah”?

— Hã? — ele desconversou, interrompendo a caneta.

— Este não é o primeiro autógrafo?

— Primeiro?

— É. Quer dizer, primeiro autógrafo nesse livro.

Ele não entendeu o porquê daquilo e confessou:

— Na verdade, já autografei alguns para a família.

Ela parou para pensar. Expressão vazia.

— Ah, família não conta. Tudo bem.

Ele voltou a escrever. Lembrou-se de algo. — Na verdade, acabei autografando alguns exemplares para amigos que foram em casa. Semana passada.

Ela parou para pensar de novo. Pareceu não gostar.

— Hum...

Ele continuou o autógrafo.

— O seu é com “t” e “e” ou “th”?

— Meu o quê?

— Nome.

— Ah, “t” e “e”.

Um breve intervalo. As pessoas falando alto na fila.

— Mas este é o primeiro lançamento do livro ao público em geral, não é?

— É, é. — ele soltou. Depois, repensou.

— Quer dizer...

Ela se irritou. Fechou a cara e mordeu o lábio.

— Como assim, “quer dizer”?

Ele começou a se preocupar, a caneta tremendo na mão.

— É... — balbuciou, já olhando para os lados à procura de alguma ajuda.

— Hein? — ela insistiu. Ele se encolheu na cadeira.

— Na verdade...

— Na verdade, o quê?

— Já fizemos um pré-lançamento e...

— Quê?!

— ...e uma sessão de autógrafos lá em Porto Alegre, mas...

— O quê?! — Olhos vermelhos.

— Mas foi algo bem simplesinho... Nem conta — ele tentou argumentar.

— Ah, é? Quer saber? Não quero mais!

A Edite pegou o livro das mãos dele num golpe, o autógrafo inacabado. O Verissimo tentou falar “Socorro...”, mas a voz não saiu. Fulminando o livro com os olhos, a Edite o tacou na mesa com força. Todos olharam com espanto.

— Não quero mais mesmo! Tchau! — gritou ela. E saiu bufando.

O Verissimo, já debaixo da mesa, sem ver mais nada.

— Edite?...

Palavra



“Só há uma vantagem na solidão: poder ir ao banheiro de porta aberta. (...) A gente vive, passa por milhares de experiências (as mais intensas) para, afinal, convencer-se de que as melhores coisas da vida são comer e dormir.”

ANTÔNIO MARIA

NASCIDO EM RECIFE (PE), EM 1921, O CRONISTA, AUTOR DE “BENDITAS SEJAM AS MOÇAS”, DENTRE OUTROS, MORREU NO RIO DE JANEIRO (RJ), EM 1964.



Cultural! é uma publicação do jornal O Extra.net, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: O. A. SECATTO
COLABORADORES: GIL PIVA,
JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E
JACQUELINE PAGGIORO
DIAGRAMAÇÃO: ALISSON CARVALHO

Verissimo



Luis Fernando Verissimo

IN(SEGURANÇA)

ELIANA JACOB ALMEIDA

O texto é bem-humorado e caricato. Pessoas moram em um condomínio cuja maior garantia é a segurança. Há muros altos, câmeras de circuito com olhos por toda parte; lá só entram moradores e visitantes com os devidos crachás. Entretanto, ocorreram assaltos; houve a necessidade de fazer outro muro, colocar grades em todas as janelas das casas, reforçar a guarda do condomínio com cães. Os proprietários com mais dinheiro e bens materiais se mudaram para uma área de segurança máxima. Assim, de forma irônica e hiperbólica, em sua crônica *Segurança*, Luis Fernando Verissimo vai aproximando gradativamente a imagem de condomínio com a de uma prisão. E termina dizendo que “agora” os ladrões pouco conseguem ver o que acontece lá dentro, da mesma forma que os moradores pouco enxergam lá fora. Com as mãos agarradas às grades, estes veem o movimento da rua, tristes e melancólicos.

A progressão das medidas adotadas diante da violência dá a medida exata de nossa impotência perante os perigos da vida

A progressão das medidas adotadas diante da violência dá a medida exata de nossa impotência perante os perigos da vida. É natural nosso desejo de proteção, que nasce da busca da preservação da espécie. Mas nesse sentido nossa luta é inglória, se observarmos que a maior parte de nosso dia, de nossa vida acontece do lado de fora dos muros dos condomínios. Há um momento em que temos que enfrentar o mundo. Precisamos ir para o trabalho, para a escola, para a igreja; clubes, farmácia, padaria...

Então, quem estará livre de acidentes de trânsito? De assaltos nas ruas? De tempestades, enchentes, raios? Mesmo lá dentro, as doenças podem nos assombrar e nos alcançar a qualquer hora. Os acidentes domésticos, como tombos e queimaduras, não escolhem endereço. Aquele vizinho inconveniente, que ouve sua música preferida em volume muito alto, também pode morar lá, assim como donos de cachorros que latem a noite inteira no muro ao lado perturbando o seu sono. Ninguém estará livre — também nos condomínios — dessas pequenas chateações. Isso não significa que não devamos nos



preocupar com a tranquilidade nossa e de nossos entes queridos; apenas não exagerar ao gastar tempo e dinheiro investindo em redomas que nos prometam proteção total e vida eterna. É difícil viver com a ideia do instável — “viver é muito perigoso!” —, não existem garantias. A vida é um “kit” composto de perdas e ganhos e estamos expostos a uma variedade enorme de imprevistos — bons e ruins. É importante buscarmos segurança, mas com cuidado, para não acabarmos agar-

rados às grades, melancolicamente, olhando o movimento da rua.
*
ELIANA JACOB ALMEIDA, PROFESSORA, ESCRITORA E DIRETORA-PROPRIETÁRIA DA ESCOLA EM BOM PORTUGUÊS, É AUTORA DE “ENQUANTO É TEMPO”, “MANUAL DE REDAÇÃO NOTA 1000 PARA O ENEM” E “A FAMÍLIA-MOSAICO DE CAIO E LUÍSA”. ESCRIVE CRÔNICAS PARA JORNAIS E REVISTAS DESDE 2003

Série

ITINERÁRIOS DE UMA VIAGEM INDEFINIDA

Five Came Back: uma ode à história de cinco grandes diretores de Hollywood durante a Segunda Guerra Mundial

CRÍTICA
★★★★★ EXCELENTE

GIL PIVA

Five Came Back (em tradução livre, “Os Cinco que Voltaram”) — nova série da Netflix — faz um percurso sobre a relação de cinco grandes diretores americanos (John Ford, George Stevens, John Huston, Frank Capra e William Wyler) que resolveram enfrentar a Segunda Guerra Mundial aliados de suas melhores armas: filmadoras. Com o tom de um sério documentário histórico e, ao mesmo tempo, uma inspiradora narrativa artística, *Five Came Back* relata passo a passo como os cineastas aos poucos foram se envolvendo ativamente com os ideais propagandísticos da época, até se alistarem de vez e retornarem cheios de materiais fílmicos — que mudariam tanto a história do cinema quanto suas próprias vidas — e traumas incontornáveis. A série conta também com o prestígio de diretores famosos, herdeiros, de certa forma, do grande talento desses cinco cineastas. Entre eles, aparecem Steven Spielberg, Francis Ford Coppola e Lawrence Kasdan comentando os momentos vividos e conflitos gerados. A narração fica por conta de Meryl Streep — delineando bem o ritmo da produção e a perspectiva da edição. Quase nada se sabe sobre a segunda temporada (se é que haverá outra); afinal, nesta primeira incursão, regida por três episódios, fica

Com o tom de um sério documentário histórico, a série também não deixa de ser uma inspiradora narrativa artística

no ar uma sensação de trabalho encerrado, não deixando brechas para nostalgias ou possíveis entreatos ainda não narrados. Parece um documentário bem planejado e concluído, e não um longo catálogo seriado, a bem da verdade. Esses três episódios seguem à risca o papel de descortinar não apenas os horrores da guerra, mas os traços militaristas presentes nos filmes de propaganda — cuja intensão seria convocar mais gente para o alistamento, ou cuja intensão também, mais desenfreada que a outra, repercutia como uma campanha (banhada de sangue e ódio), a seguir, racista antinipônica. Então, esses cinco grandes diretores interrompem suas carreiras para criarem filmes sobre a guerra, o que, infelizmente, acabam por descobrir que o governo interferiria diretamente nas suas visões.

O terceiro episódio é o mais contundente: eles retornam para Hollywood para restabelecer suas carreiras, mas os tormentos experimentados marcarão de forma impressionante suas vidas e seus trabalhos. Por isso, quando surge um depoimento seja de Capra ou de qualquer um deles, surge emblemático. Seus relatos passam a significar uma angustiada resistência, pessoal e profissional. O que os cinco desejavam — embora as razões e os meios até se representassem diversos — era mudar um quadro singular de se fazer cinema: deixar de lado a questão do realizador diante de Hollywood para se tornarem realizadores mediante nenhum traço sugestivo da indústria cinematográfica. E eles conseguiram. Deram uma enormidade artística e documental a uma tragédia de tamanho impensável.

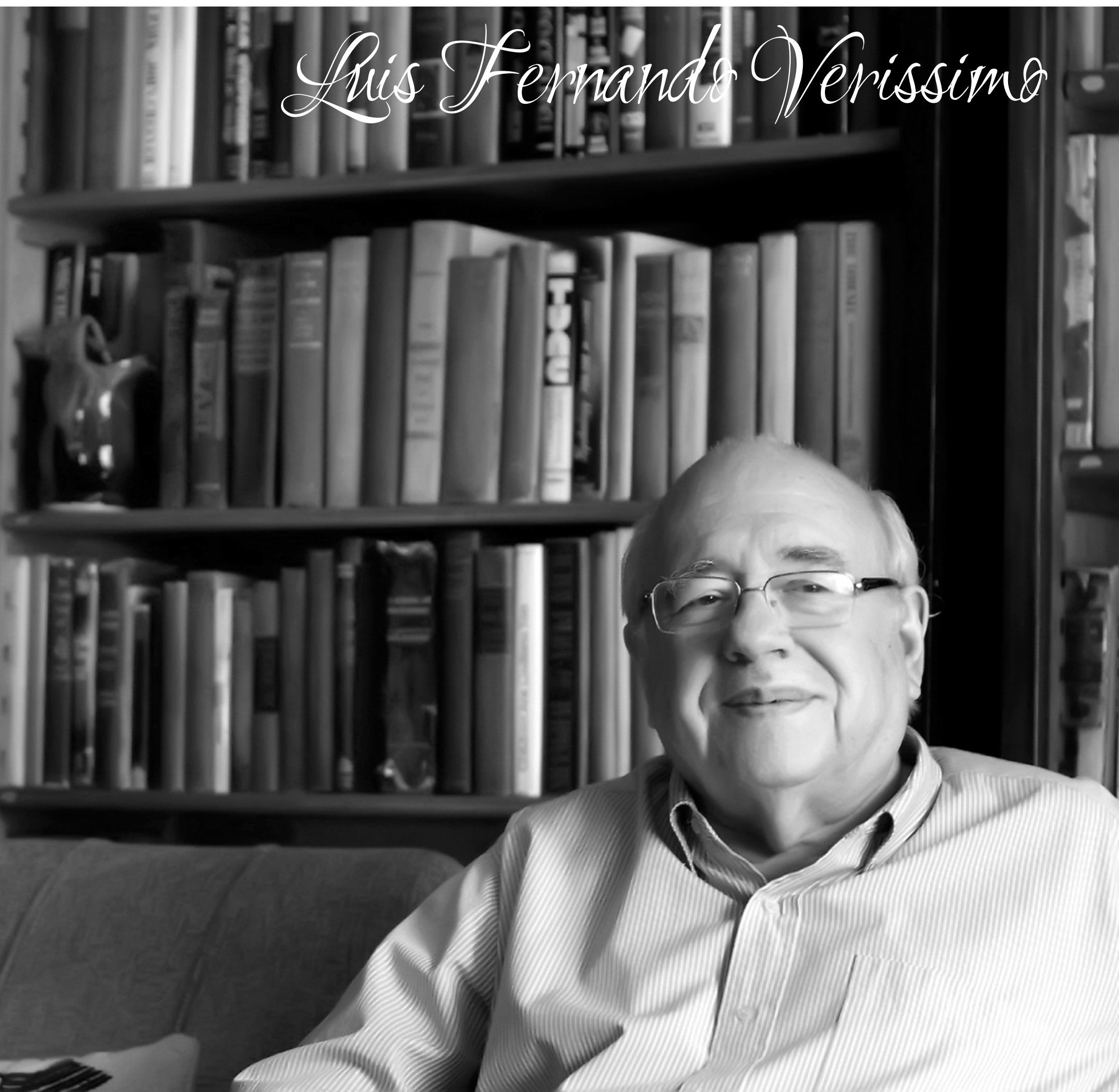


Dois dos cinco. Capitão A. Veiller, roteirista; capitão John Huston; major Hugh Stewart e tenente coronel Frank Capra

Verissimo


Luis Fernando Verissimo

VERISSIMO!

Luis Fernando Verissimo


O.A. SECATTO
& Confraria da Crônica

81 anos — sempre quis começar um texto com número, indamais sendo o ano do meu nascimento — ele esperou pela oportunidade de estar no *Cultura!* e, então, me dizem: “Você não pode começar o texto com ‘É o Verissimo, cara. É o Verissimo!’” Por que não? É o Verissimo, cara. É o Verissimo!

Luis Fernando Verissimo — ou só (mes-tre) Verissimo — fez 81 anos na terça-feira, dia 26, e esta edição é só dele.

Há quatro anos, nesta mesma época, ele dizia: “Nunca imaginei que chegasse aos 77 anos de idade... A velhice é muito ruim, mas é melhor que a alternativa.” Todos concordam, especialmente no caso dele: grande parte dessas décadas foi vivida com a popularidade e o reconhecimento de sua obra —

alguns romances, contos, muitos cartuns, tirinhas e crônicas, incontáveis e deliciosas crônicas.

O filho de Mafalda e Erico Verissimo, marido da Lucia, pai da Fernanda, da Mariana e do Pedro, e avô da Lucinda continua sendo um dos escritores mais sofisticados e, ao mesmo tempo, mais populares do país. Criador de personagens como Ed Mort, a Velhinha de Taubaté, o Analista de Bagé, As Cobras e Família Brasil, Verissimo, como costuma contar, começou tarde no ofício da escrita. E iniciou em terreno diverso do de seu pai Eri-

co: em 1967, já com 31 anos, começou a trabalhar no jornal *Zero Hora* e, em 1969, após cobrir as férias do colunista Sérgio Jockymann, conquistou sua própria coluna diária no jornal, inicialmente escrevendo sobre futebol. No jornal *Folha da Manhã* manteve coluna diária de 1970 a 1975. Seu primeiro livro veio em 1973, quando lançou,

pela Editora José Olympio, *O Popular - Crônicas, ou Coisa Parecida*, coletânea de textos já publicados na imprensa, o que veio a ser o formato da grande maioria de suas publicações. Em 1979, publicou *Ed Mort e Outras Histórias*, um de seus mais populares personagens. Mas foi em 1981 — quando eu nas-

ci: vejam a importância — que o livro *O Analista de Bagé*, lançado na Feira do Livro de Porto Alegre, esgotou sua primeira edição em dois dias, tornando-se fenômeno de vendas em todo o país. No ano seguinte, passou a publicar

uma página semanal de humor na revista *Veja*, que foi mantida até 1989. Já em 1983, lançou um novo personagem: a Velhinha de Taubaté, definida como “a única pessoa que ainda acredita no governo”. No ano de 1989, começou a escrever uma página dominical para o jornal *O Estado de S. Paulo*, mantida até hoje, e para a qual criou o grupo de personagens da Família Brasil. Aos 70 anos

de idade, completados em 2006, Verissimo consagrara-se como um dos maiores escritores brasileiros contemporâneos, tendo vendido ao todo mais de cinco milhões de exemplares de seus livros.

Em recente entrevista a Flavio Ilha, no site *extraclasse.org.br*, Verissimo falou um pouco de tudo — e também de sua demissão. Disse nunca ter escrito para si mesmo por nunca ter-se visto como escritor ou jornalista e, influenciado pelo estilo de Saul Steinberg, passou a variar entre texto e cartum em seu espaço: “Meu desenho era muito rudimentar, não tinha acabamento.” Confessou usar a internet praticamente só para consultar o Google: “Eu sempre parto do princípio de que ele sabe o que está dizendo, então eu confio nele. Temos uma relação saudável.” Sobre seu texto e o prazer de escrever: “Eu escrevia muito mais no passado, tinha mais volume. Não sei se fiquei mais conciso ou mais preguiçoso, mas meu texto diminuiu bastante. (...) Concordo com o que diz o Zuenir Ventura, que não gosta de escrever, gosta de ter escrito.”

Em casa.

O escritor, na casa que foi de seu pai, Erico Verissimo

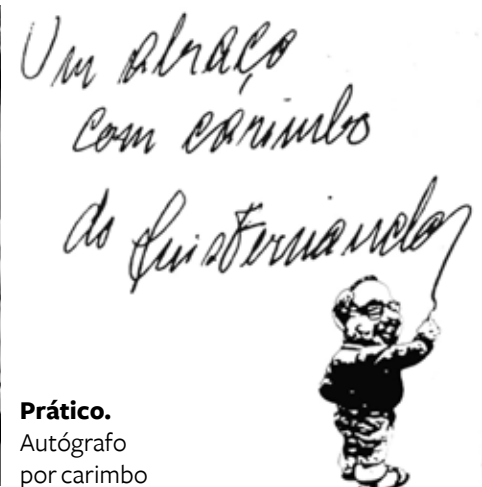
O Antonio Prata e a Vanessa Barbara são excelentes exemplos da nova crônica brasileira. Eu incluíria nesse grupo o Gregorio Duvivier



VER!SSIMAS
Autor: Luis Fernando Verissimo
Editora: Objetiva
(210 págs.; R\$ 44,90)



AS GÊMEAS DE MOSCOU
Autor: Luis Fernando Verissimo
Editora: Companhia das Letrinhas
(32 págs.; R\$ 34,90)



Prático.
Autógrafo por carimbo



Jazz.
Com o saxofone, companheiro inseparável



Musa 1.
Ao lado da atriz Patricia Pillar, sempre presente nos textos do Verissimo como o que há de melhor no mundo (junto com pudim de laranja)



Musa 2.
Com a neta Lucinda

Sobre a demissão do jornal *Zero Hora*, amenizou: “Foi um processo normal. Apenas deixei de ter vínculo com a empresa, agora eles compram meu material da Agência Globo. Foi uma decisão administrativa, estão fazendo muito isso com os velhos, que têm salários mais altos. Mas não ficou nenhum trauma, não.”

Para este ano, revelou que a editora Companhia das Letras está organizando um volume de crônicas que estão sendo selecionadas pela roteirista e escritora Adriana Falção. “Basicamente com as crônicas mais ficcionais, publicadas aos domingos no Estadão. As crônicas sobre política atualmente perdem a atualidade com muita rapidez.”

Poder contar com uma entrevista dessas é algo histórico para o jornalismo cultural de Fernandópolis e da região, principalmente para um suplemento cultural que ainda está em sua 21.ª edição. Valeu a pena.

Confirmam abaixo a entrevista que o escritor gaúcho concedeu com exclusividade ao *Cultura!* O texto é breve. Brevíssimo, mas Verissimo.

(É o Verissimo, cara. É o Verissimo!)

• Você sempre menciona com um carinho especial o Antônio Maria. É o cronista preferido? Quais outras referências na crônica brasileira o influenciaram?

Daquele time de cronistas da época de ouro — Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino e Antonio Maria —, este último era o mais versátil, porque fazia humor, mas também podia ser sério ou lírico. Me identifiquei mais com ele.

• Uma vez você afirmou que “o Antônio Maria usava muito isso: a crônica para fazer qualquer coisa”. A Vanessa Barbara e o Antonio Prata, por exemplo, essencialmente cronistas, são exemplos atuais de autores com estilo natural de humor. Quem da nova geração de cronistas poderá manter — ou está mantendo — vivo esse estilo livre e bem-humorado da crônica?

O Antonio Prata e a Vanessa Barbara são

excelentes exemplos da nova crônica brasileira. Eu incluiria nesse grupo o Gregório Duvivier.

• Você já disse que “Até hoje ninguém definiu bem o que que é crônica, quando é que deixa de ser crônica e passa a ser ficção”. A crônica tende a continuar esse espaço livre para tudo?

O melhor da crônica é ser um gênero indefinido, o que permite ao cronista fazer o que quiser e chamar de crônica. Inclusive ficção.

• Arriscaria uma definição sua da diferença entre conto e crônica?

Conto pode ser mais longo do que crônica, que tem um espaço determinado. No fim o que diferencia uma coisa da outra é o tamanho.

• E qual é o papel do cronista? Existe um?

A função do cronista é a de entreter e

eventualmente informar o leitor. E uma crônica também pode ser uma espécie de anotação na margem da História, ou do noticiário.

• Fazer humor é falar sério?

É ser sério na medida em que qualquer trabalho, jornalístico ou não, deve ser feito com seriedade, o que no caso é um sinônimo de profissionalismo.

• É famosa sua frase “Minha musa inspiradora é o meu prazo de entrega”. Além do prazo, a Lucinda também é musa inspiradora?

A Lucinda inspira sempre, mesmo sem fornecer material para a crônica. Apenas por existir.

• Como é escrever para crianças? Depois de três livros (“O santinho”, “O sétimo gato” e “As gêmeas de Moscou”), deu para pegar o jeito?

É difícil escrever para criança, ser acessível sem ser condescendente. Não sei se acertei o tom.



Verissimo



Luis Fernando Verissimo

EU E O LUIS FERNANDO

ZÉ RENATO

Encontrar pessoas com as quais nutrimos muitas afinidades é difícil. Quando são essências, é difícil. Comigo e o Luis Fernando ocorre nas essenciais: paixão por ler e escrever, jazz, Nietzsche e futebol.

Ler ótimos livros e escrever bem, com muito bom humor... É dos deuses — para não dizer “du caralho!”.

Conhecer e amar o jazz, ouvi-lo, senti-lo e vivê-lo... É para os “eleitos”.

Nietzsche é um capítulo à parte: o filósofo

fo germânico desvela um mundo, ou melhor, uma vontade de vivê-lo para os espíritos livres. Lê-lo; compreendê-lo e amá-lo nos faz diferentes... Capazes de operar a travessia para o além-do-homem, para o espírito da “criança”, onde tudo flui.

Ser um apaixonado por futebol faz-nos mais humanos, demasiado humanos, no sentido trágico-rodrigueano, aquela tragédia aparentemente menor, do cotidiano, as mazelas cotidianas, suas angústias e amarguras que transcorrem em noventa minutos; às vezes,

noutras, a glória, o panteão dos vitoriosos. São instantes que parecem eternos.

O futebol nos humaniza, para mais e para menos, na dimensão exata da imprecisão do significado de humano.

Eu e o Luis Fernando sabemos seu significado.

Até aí, somos iguais em tudo. Por isso que o admiro tanto.

Todavia, devo confessar uma fraqueza dele e uma grandeza minha: ele — o Luis Fernando — é colorado apaixonado; eu sou “Curíntia”.

O futebol nos humaniza, na exata dimensão da imprecisão do significado de humano. Eu e o Luis Fernando o sabemos



Poesia

LINO MARFIOLI

ERA UMA VEZ (fábula sobre o fabuloso, o que havia de haver)

Para
Manoel de Barros, poeta das coisas simples

Era uma vez um homem...
Carregava o outono na voz
e no olhar o macio de uma antevisão.
Vislumbra — primavera de afagos —
almofadinhas de bem querer.
Indagava, no azul, os caminhos do quando.
Amalgamava as possibilidades do verde,
alargava margens, o como, as adjacências da cor.
E existia então.
Não era somente canto;
habitava silêncio fecundo.
E confeitava o recordar — o que seria, se fosse...
Talvez esperasse o inesperado.
Quem sabe a essência, o perfume?
E polvilhava a esperança...
Argamassava luas
e sóis, no crepitar das auroras.
Degustava, lento, a gema adocicada do sonho.
Seu corpo — horizonte coalhado de flores —
convidava o desejo, o sequioso pássaro,
o sorriso moreno da amada.
E gestos de musgo houvera
no aveludado amoroso das mãos.
E nem se sabia infinito, se era,
se podia ser, assim,
inocência exalando, no coração do eterno.

12/04/2011

NO CIRCO (procura-se um malabarista)

Para
Ari Marcelino de Oliveira Filho

O sofrimento faz parte da vida.
Há casos em que ele é a própria:
ela é o machucado que dói.
Mas sei que o show não pode parar.
Só peço que cancelem a apresentação do palhaço.
Demitam-no, e chamem o malabarista.
Hoje não tem goiabada.
Hoje não tem marmelada.
(Hoje não tem maquiagem nem piruetas de momo)
Nada é tão patético, tão escandalosamente trágico
como um palhaço sem graça.
O distinto público merece
ser poupado desta infâmia.
(É preciso fazer valer o valor dos ingressos)

18/11/2010

*
LINO MARFIOLI
É PROFESSOR
APOSENTADO

Verissimo



Fernando Verissimo

A VELHINHA, O DETETIVE E O ANALISTA SÃO VERÍSSIMOS

JACQUELINE PAGGIORO

Aquele fatídico agosto de 2005 foi o divisor de águas na vida daquela pacata cidadã. A morte da tia, além de deixar enorme tristeza em todos os membros da família, causou comoção no país, afinal, foi a derrocada de um ícone nacional: a “Velhinha de Taubaté”, último bastião da credulidade nos governos do Brasil.

A tia arrastava multidões à sua cidade natal, que chegavam em ônibus de excursão: era um verdadeiro atrativo turístico desde que o fenômeno de sua credulidade veio a público durante o governo do General João Baptista de Figueiredo, o último do ciclo dos generais da “Redentora”. No entorno de sua humilde residência instalaram roda gigante, estande de tiro ao alvo e tendas (para vender imagens dela e também pamonha e caldo de cana).

Sempre acompanhou a política do país, desde Getúlio Vargas, passando pelos colaboradores dos governos militares. Sarney lhe telefonava sempre para saber se ainda acreditava nele; Collor visitou-a algumas vezes pedindo que não o deixasse só. Fã do Fernando Henrique Cardoso, dizem quase teve um treco quando soube da compra de votos para sua reeleição, mas se recuperou após as informações oficiais de que aquilo era intriga da oposição. Desde o começo acreditou no Lula, até rebatizou seu gato que passou a chamar Zé. Depois do FFHHCC seu ídolo maior foi o Palocci.

Morreu na frente da televisão no dia dezanove, tomando chá com bolinhos de polvilho, os mesmos que ela gentilmente oferecia aos turistas que visitavam a cidade para conhecê-la. A infame declaração da irmã, Suzette, à imprensa, de que a tia ultimamente começara a dar sinais de desânimo e — para sua total indignação — de descrença, substituiu-lhe o torpor da dor pelo fogo da ira. (“Aquela mentirosa, fazia titia acreditar que fazia trabalho social com religiosas em Brasília e na verdade tem uma agência de acompanhantes para congressistas solitários no planalto!”)

Desde então, a indignada sobrinha procura alguém para apacar sua dor, pois além da calúnia da Suzette, as circunstâncias da morte da crédula anciã não foram esclarecidas e o noticiário fazia questão de inventar as coisas mais estapafúrdias. Disseram que localizaram um pedaço de papel com números e o que parecia ser a palavra “offshore” em letra tremida e que isso indicaria que a tia tinha uma conta no exterior, pois recebia para acreditar no governo. Na verdade, os números eram apenas palpite para a loteria acrescidos da palavra “Oxalá”, ela acreditava piamente que um dia a sorte lhe viria: “Ah, essa imprensa marrom!”

Pior mesmo foi ver manchetes nos mais variados jornais de que a tia nunca se recuperara do choque da notícia da compra de votos para reeleger o Fernando Henrique, seu ídolo na ocasião, apesar de depois acreditar em todos os desmentidos e que, debilitada, sofreu com as denúncias contra o Palocci, ídolo substituto do FFHHCC, e outro baque quando soube que nem no Ministério Público se podia confiar. E que por isso, a hipótese mais provável era o suicídio (“Tudo culpa da Suzette!”). Sobrou até pro coitado do Zé, pobre gato.

A desesperada sobrinha não teve dúvidas: resolveu contratar um detetive. Queria restabelecer a verdade, apenas isso.

Como a grana era curta e o desespero era imenso, lembrou-se da indicação de uma tuiarista carioca que foi a Taubaté, quando a tia ainda vivia. A mulher lhe dissera que, certa feita, contratou um detetive particular, pois o marido, após receber uma herança, foi visitar a líder da seita a que pertenciam e de-



sapareceu. Ambos seguiam a Nova Igreja do Jesus Baiano, e o tipo achou o marido e o dinheiro. Disse que ficou furiosa, pois ele se passou pelo Cristo baiano que retornaria, segundo a líder da seita, e por isso quase lhe bateu e foi embora sem lhe pagar.

A esperançosa sobrinha seguiu para o Rio de Janeiro.

Mort. Ed Mort. Detetive Particular. É o que estava escrito na plaqueta da porta. A sala era uma espécie de armário numa galeria de Copacabana, junto com um telefone mudo e uma penca de baratas. Entre uma escola de cabeleireiros e uma loja de carimbos.

Era um tipo burlesco o tal detetive. Diante do espanto da improvável cliente, contou-lhe que seu “escr” — era assim que se referia ao seu local de trabalho — estava um tanto abandonado porque estava às voltas com um caso de desaparecimento de um sociólogo francês entremeados com a tentativa de escrever sua autobiografia — do

início humilde na Penha ao atual esplendor entre baratas — em menos de quatro páginas. (“Creio que o tipo não foi com a minha cara, ou tem a impressão que vou dar calote, como a fulana da seita do Jesus Baiano; maldita Suzette, que me colocou nessa enrascada!”) No meio da explicação, eis que surge no canto da sala um rato albino. Ele o chamava de Voltaire, porque ele “às vezes desaparecia, mas sempre voltava”, o detetive procurou logo explicar. Sem mais, não querendo ouvir a história da moça, dispensou a cliente — não ousou lhe dizer, mas era feia a coitadinha. Ela nem notou que ao sair a placa da porta fora roubada. Mort. Ed Mort. Detetive Particular, estava escrito.

Desesperançada resolveu que voltaria a Taubaté.

Dentro do táxi rumo à rodoviária e aos prantos, ouviu do sensível motorista — com o inconfundível sotaque dos gaúchos — as peripécias de um famoso psicanalista terrâneo seu, mais ortodoxo que pijama listrado ou pomada Minâncora, freudiano de carregar bandeira, que se especializou em Passo Fundo e criou uma técnica hoje reconhecida mundo afora: a terapia do “joelhão”, para “sacudir as ideias e restabelecer as prioridades”. Atendia de bombacha, pés descalços e cuia em punho. Na estante tinha um Freud entalhado em imbuia. Ante a apresentação do terapeuta e da terapia, o choro convulsivo da moça foi aplacado pela curiosidade. O taxista informou-a de que o tal, que antes atendia em Bagé, passara a clinicar ali mesmo no Rio de Janeiro, no Baixo Leblon.

Ansiosa, pediu para o taxista voltar e deixá-la no consultório do Analista de Bagé.

No caminho, o taxista contou que, quando a princesa Diana da Inglaterra estava com uma doença nervosa, o analista de Bagé foi visto no aeroporto do Rio de Janeiro embarcando num voo internacional com sua garrafa térmica — que, segundo ele, tem uma importância sociológica, pois a mesma aumentou em muito a mobilidade do gaúcho; hoje ela é a segunda maior responsável pela evasão de gaúchos para outros estados, depois do governo. E surgiu o boato de que a doença da princesa e a viagem do analista tinham ligação — segundo o próprio: “pra boato e briga em bolicho, basta um cochicho”. Disseram que, apesar de um problema na alfândega de Londres — os pelegos e o fumo em corda foram confiscados para exame pelas autoridades sanitárias, mas o facão ficou — e o analista de Bagé foi recebido “como vipe, tchê” e levado às pressas para o palácio, já que sua viagem fora a pedido da família real. Recorrem ao analista de Bagé quando o último recurso, a acupuntura, foi descartado por falta do que espetar.

Apesar da sua crescente reputação internacional, ele só é chamado no fim de uma escalada bem definida: medicina convencional, curandeirismo, acupuntura e ele. Então, ainda segundo a boataria, o analista de Bagé, depois de ouvir a princesa contar seus problemas, suas angústias e inquietações, teria diagnosticado: “Frescura”. E receitou, com alguma dificuldade, uma dieta específica, pois seu inglês é da fronteira, igual ao espanhol, só com o agá mais aspirado: “Foi mais duro que ferrá cavalo de estátua, tchê. A indiada não queria entendê o que é moganga com leite gordo!”

A corrida chegava ao final, e com ele a recomendação para procurar Lindaura, a recepcionista do analista — que também dá —, indicando-lhe que ela faz um questionário prévio: o que pensa, de quem gosta e não



gosta, quais são suas ideias; dependendo das respostas, o cliente entra e se deita no divã.

A entrevista com Lindaura foi fácil, afinal, a tia de Taubaté era famosa. A surpresa ficou por conta da sessão de terapia. Foi recebida pelo gaúcho com um “se abanque no más que tá incluído no preço” e deitou-se no divã coberto com lã de ovelha e foi convidada a aceitar a bomba de chimarrão — segundo o taxista ele gosta de charlar passando a cuia, pois loucura não tem micróbio. Depois de ouvir o caso da moça e comentar que a história da tia taubateana era mais comentada que vida de manicure, encerrou o caso indicando que a china (Suzette) merecia uma surra de relho.

A moça saiu do consultório pensando no alívio que seria dar uma sova na safada. E apressada retornou a Taubaté.

No regresso, o que constatou a fez esquecer a peleja com a irmã, pois percebeu que as alegres multidões, que antes se aglomeravam no entorno da casa da tia na esperança de ver o fenômeno — uma brasileira que ainda acreditava —, foram substituídas por tristes romeiros que visitavam o santuário improvisado na frente da casa dela, na esperança de recuperar a fé.

A Velhinha de Taubaté se transformou em milagreira depois de morta.

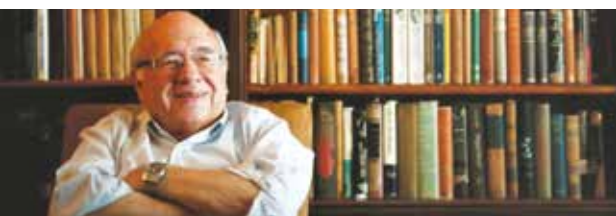
As pessoas querem acreditar, pelo menos, em quem acreditou um dia.

Veríssimos.
A Velhinha de Taubaté e o detetive particular Ed Mort

Grande sucesso.
O Analista de Bagé



Verissimo



Luis Fernando Verissimo

Foto: Angelo Defanti



Visita a Verissimo.
Vanessa na casa do escritor, em Porto Alegre

VANESSA BARBARA

Estou lendo *Retratos Parisienses*, coletânea de crônicas escritas por Rubem Braga durante sua temporada em Paris. São entrevistas com pintores, escritores e outros artistas da época, mas com uma particularidade: Braga era tímido e se considerava “o pior repórter do mundo”. Não sabia fazer perguntas e, portanto, chama seus perfis de “visitas”, como no capítulo “Visita a Pablo Picasso”, ou ainda: “Na casa de Georges Duhamel” e “Em Paris, no café de André Breton”.

Plagiando o cronista, descrevo aqui a minha eloquente visita ao escritor Luis Fernando Verissimo, ocorrida em fins de abril de 2013 com o único propósito de tornar-me uma móvel da casa. Fui acompanhada do cineasta Angelo Defanti, que à época cuidava do roteiro de *O Clube dos Anjos*, e devo ter proferido uma média de cinco palavras por hora, contando as onomatopeias involuntárias e crises de engasgo.

Naquela tarde de segunda-feira, montamos acampamento na residência do escritor, que fica no bairro de Petrópolis, em Porto Alegre. Começamos por um almoço servido pela Lucia, esposa do cronista há mais de cinquenta anos. Confesso que estabeleci uma linha de comunicação bastante satisfatória com Lucinda, neta do escritor, então com 5 anos de idade, uma diminuta e desconfiada loirinha que alternava português e inglês (seu pai é britânico). Enquanto os adultos — Lucia e Angelo — conversavam animadamente sobre cinema e futebol, eu me dedicava a colher informações sobre as bonecas da menina, uma série de monstros superproduzidas com nomes como Draculaura, Bonita Femur e Vandalá Doubloons. (A próxima geração de feministas vai ser ótima.)

Emendamos a refeição com um café, e depois Lucia nos levou para conhecer a discreta casa branca, com arcos pronunciados e ares de residência interiorana, adquirida por Érico Verissimo, pai do escritor, em 1942. Ela mostrou o escritório do marido, uma sala no subsolo repleta de papéis, livros e flâmulas do Sport Club Internacional; o estúdio de ensaio da banda Jazz 6, encravado numa caverna de pedra no subsolo (onde sempre faz uns cinco graus a menos); o quintal apinhado de árvores e azaleias; e a área da churrasqueira (forrada de cartuns). Em todos os nichos livres das paredes, inclusive nos recantos mais improváveis, foram instaladas prateleiras para dar conta dos livros. Espalhados aqui e ali, os brinquedos de Lucinda.

Conhecemos também o escritório intacto de Érico, um espaço de tamanho modes-

to com piso de madeira, uma parede de tijolinhos marrons e uma lareira, cercado por estantes de livros, objetos de arte, abajures e quadros. Um excelente lugar para cometer um assassinato, pensei, tentando não olhar muito fixamente para um revólver antigo pendurado na parede e um sabre em exposição sobre a lareira. No centro da sala, uma poltrona vermelha com um banco acolchoado para apoiar os pés. Verissimo contou que o pai costumava corrigir seus escritos sentado nessa poltrona, usando uma tábua de madeira como apoio. Dali saiu a maior parte de *O Tempo e o Vento*. Mas só o que consegui imaginar foi um detetive antiquado analisando o cadáver no carpete e chegando à conclusão de que a vítima folheara uma edição envenenada de um pesadíssimo compêndio em latim.

Na sequência, eu e Angelo voltamos para a sala de estar e não fizemos qualquer menção de ir embora, ainda que às três horas aparecesse o fisioterapeuta de Verissimo para uma sessão de alongamento e caminhada. O cronista pediu licença — em sua própria casa — e deixou a sala. Quanto a nós, apenas afundamos no sofá enquanto familiares e amigos entravam, conversavam e saíam. A certa altura ficamos sozinhos e selamos o pacto de que só deixaríamos o local quando nos expulsassem.

Convém esclarecer que não foi a primeira vez que entabulei farta conversação com o meu cronista favorito, pelo qual, aliás, sempre devotei uma veneração meio assustadora. (Lá pelos 15 anos, dediquei-me a copiar, à mão, um calhamaço das minhas crônicas favoritas. Hoje tenho uma caixa com 37 livros do escritor, incluindo uma edição de *A Mesa Voadora* comprada em um sebo por 3 reais, que certa vez tive a pachorra de pedir que ele me autografasse; um exemplar de *Humor nos Tempos do Collor* que custou 85 mil cruzeiros; e o mais antigo de todos, *O Rei do Rock*, publicado pela editora Globo em 1978.)

No almoço de confraternização dos convidados da Flip (Festa Literária Internacional de Paraty) de 2008, pedi a meu editor, Cassiano, que me arrastasse até a mesa de Verissimo e fizesse as honras da apresentação, considerando que eu já estava rondando o local há tempo suficiente para que a polícia fosse acionada. Eu disse: “oi!”, e ele respondeu: “oi!”. Puxei uma cadeira. Sempre afetuosa, Lucia tentou engatar vários assuntos aos quais eu provavelmente respondi como se estivesse em um lugar barulhento demais e não entendesse as perguntas. Algo como: “Você mora em que bairro, lá em São Paulo?”, e a respos-

ta: “Vinte e seis!”. Acho que fiz uma ótima figura e devo ter ido embora correndo para respirar num saquinho de papel.

Mais tarde, à beira da piscina do local onde ocorria o almoço, falei “oi!” de novo e ele pareceu concordar enfaticamente. Mencionei alguma coisa sobre a inevitabilidade de tropeçar durante o debate da manhã seguinte, do qual eu iria participar, e ele prometeu que estaria presente.

De fato, na quinta-feira, consegui enxergá-lo sentado na terceira fileira, ao lado de uma sorridente Lucia. Não tropecei nem tive uma crise de soluço. Pouco depois, ainda durante aquela Flip, trombei de novo com o casal e ele me disse que gostou do debate. Eu respondi: “gghghh”.

Cinco anos mais tarde, já em 2013, na casa do cronista, posso dizer que retomamos nossa conversa iniciada naquela Flip. Depois que Verissimo voltou da sessão de fisioterapia, juntou-se a seu novo par de vasos decorativos na sala e não pareceu incomodado o suficiente para pedir que fôssemos embora.

Eu havia levado uns livros de presente — minha tradução de *O Grande Gatsby*, sabidamente um de seus romances favoritos, e o meu livro mais recente, a graphic novel *A Máquina de Goldberg*. Entreguei o embrulho sem olhar nos olhos de ninguém. Ele me disse: “Obrigado pelos livros”, e eu respondi: “gghghh”.

Enquanto eu hesitava entre um episódio de parada respiratória e o tradicional xixi nas calças, ele folheou a tradução e se deteve nas últimas páginas. Elogiou minhas escolhas para o trecho final, que possui uma reconhecida dificuldade de tradução. Eu talvez tenha dado risada sem motivo ou respondido de alguma outra forma totalmente inadequada. A sorte é que Lucia deve estar acostumada com esse tipo de vexame e gentilmente passou a narrar episódios pitorescos das viagens do casal, acalentando nas mãos os óculos de leitura cuidadosamente dobrados, como se fossem a minha ansiedade.

Em algum momento dessa balbúrdia, surgiu à porta uma amiga da família, a quem fomos apresentados. Verissimo apontou para mim e disse: “Essa é a Vanessa. Ela escreve muito bem”. Mesmo correndo o risco de me tornar repetitiva, “gghghh” foi só o que consegui pronunciar em resposta.

Talvez pela absoluta inevitabilidade da situação, eu e Angelo fomos convidados, por fim, a acompanhar um ensaio particular da Jazz 6, na qual Verissimo toca sax alto. A banda, que

é conhecida como o menor sexteto do mundo — pois era formada por cinco integrantes —, esteve na ativa por mais de vinte anos e gravou cinco álbuns.

Naquele fim de tarde, o ensaio ocorreu na caverna do subsolo. Lembro, entre outras coisas, de ouvir “Lullaby of Birdland” e “A Rã”, mas o resto das memórias daquele dia se perdeu em uma nuvem espessa de euforia e afeto. A certa altura, Verissimo puxou a melodia do hino do Internacional, cuja letra, por esses mistérios da vida, eu sei inteira de cor. Sentada ao meu lado, Lucia estranhou. Fui chamada ao microfone para prestar deferência a esse admirável escrete gaúcho que leva “a plagas distantes feitos relevante”, mas a modéstia me impediu. Intrigado, Verissimo perguntou para qual time eu torcia; “Curíntcha”, eu respondi, com um fio de voz, e todos ficaram com tanta pena que preferiram não fazer mais perguntas.

Ao final do ensaio, a sala se encheu de borbulhantes conversas e Verissimo se sentou ao meu lado, calado. Passamos um tempo acompanhando, em silêncio, aquele soterramento de energia extrovertida e de histórias insólitas, e compartilhando a incredulidade sábia dos tímidos. Vez ou outra, ele fazia um comentário irônico em voz baixa, algo muito sucinto e preciso, e eu contabilizava mentalmente um ponto para o nosso time. Acho que foi o momento mais bonito da visita: não há dúvida de que logramos êxito em mostrar a essas pessoas joviais e desenvoltas do que é feito o nosso derrotismo sarcástico e a nossa empertigada inadequação.

Eu e Angelo só fomos embora depois de assegurar um convite para jantar, dali a pouco, numa churrasceria local.

Só agora me dei conta de que as minhas conversas com Verissimo ocorrem de cinco em cinco anos, como se levássemos esse tempo todo para pensar em boas respostas. Isso significa que já está quase na hora de retomar nosso periódico duelo de vivacidade retórica, o que, segundo o calendário, deve acontecer em 2018.

A ideia agora é reproduzir o seguinte diálogo:

Lucia: “Esta é a Vanessa, ela mora na nossa sala desde abril”.

Vanessa: “Oi!”

Verissimo: “Oi!”

*

VANESSA BARBARA, AUTORA DE “NOITES DE ALFACE” E “OPERAÇÃO IMPENSÁVEL”, DENTRE OUTROS, É JORNALISTA, ESCRITORA E TRADUTORA, VENCEDORA DO PRÊMIO JABUTI. É COLUNISTA DO “NEW YORK TIMES”, TENDO ASSINADO COLUNAS DA “FOLHA DE S. PAULO” E DE “O ESTADO DE S. PAULO”